



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação

Raquel Santos Corrêa Bom

**Espaço não-formal de educação em perspectiva: importância da formação  
e atualização de professores na Escola Bíblica Dominical para crianças na  
Igreja Protestante**

São Gonçalo

2014

Raquel Santos Corrêa Bom

**Espaço não-formal de educação em perspectiva: importância da formação e atualização de professores na Escola Bíblica Dominical para crianças na Igreja Protestante**

Monografia apresentada como requisito obrigatório para obtenção do título de Graduação em Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Adir da Luz Almeida

São Gonçalo

2014

Raquel Santos Corrêa Bom

**Espaço não-formal de educação em perspectiva: importância da formação e atualização de professores na Escola Bíblica Dominical para crianças na Igreja Protestante**

Monografia apresentada como requisito obrigatório para obtenção do título de Graduado em Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Aprovado em março de 2013

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Adir da Luz Almeida (Orientadora)- UERJ

---

Prof Dr. Washington Dener dos Santos Cunha (Parecerista)- UERJ

São Gonçalo

2014

## DEDICATÓRIA

Dedico esta, bem como minhas demais conquistas no decorrer da construção do meu conhecimento a Deus! Aos meus pais que sempre, com amor, se sacrificaram para me dar a melhor educação possível. Ao meu esposo Emmanoel, que me apoia e acompanha em todas as minhas decisões. Às crianças da Igreja Nova Vida no Portão do Rosa, pois foram elas que me fizeram perceber a vocação para o ensino e a escolha por cursar Pedagogia! Aos meus grandes amigos, os quais me apoiaram e também me deram força nos momentos difíceis. Especialmente, dedico a minha avó Conceição (*in memoriam*), por ter possibilitado meus estudos até aos meus quatorze anos de idade, ter me incentivado, desde a minha infância até hoje, para que jamais deixasse de estudar, cursasse a faculdade, para que eu conquistasse meus sonhos e independência.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma ação de reconhecimento por algo feito por você. Então, a quem agradecer? Muitas pessoas atravessaram minha vida e trouxeram grandes aprendizados.

Agradeço a quem imensamente me abençoou, “esteve comigo na hora da alegria e da dor!” Meu Deus que nunca me abandona, amigos fiéis e pessoas que deixaram marcas relevantes em minha vida.

Agradeço a minha orientadora, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Adir da Luz Almeida, que me orientou com paciência, devido as minhas implicações com a temática. Aos meus professores que contribuíram em minha formação.

Agradeço também a todos os meus colegas de classe e em especial aos meus amigos mais próximos, junto dos quais estive desde o início do curso.

Sou grata a minha família que sempre me apoiou e ao meu esposo Emmanoel, por demonstrar alto companheirismo em minhas escolhas e trajetória.

Não posso deixar de agradecer às crianças, meus alunos da Escola Bíblica Dominical da Igreja Nova Vida no Portão do Rosa – São Gonçalo, pois foi por meio delas que descobri minha vocação e preocupação com a educação cristã, a educação regular, e a importância para a formação de professores atuantes na igreja.

Não poderia esquecer também de agradecer a minha amiga do trabalho, Ana Telles, que um dia falou-me: “Raquel, você está fazendo a graduação errada! Você fala tanto dessas crianças e de seus problemas, que deveria fazer a faculdade de Pedagogia e não Engenharia de Produção!”. Obrigada, Ana!

Agradeço a todos os meus amigos por estarem comigo, mesmo estando longe, acompanhando minha trajetória e torceram por minha conquista.

Enfim, a todos muito obrigada!

“Deus nos deu dons... se alguém tem o dom de ensinar, haja dedicação no ensino”

*BÍBLIA: Romanos 12.6-7*

BOM, Raquel Santos Corrêa. **Espaço não-formal de educação em perspectiva: a importância da formação e atualização de professores na Escola Bíblica Dominical para crianças na Igreja Protestante.** Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Formação de Professores – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar e analisar o processo da educação cristã infantil e a importância da formação e atualização de professores atuarem no ensino religioso da Igreja Protestante. Trazemos, para efeitos desse trabalho, análise do processo de formação do professor por meio de uma leitura histórica e atual, na tentativa de investigar a relação do espaço formal e não-formal de educação, situando a Escola Bíblica Dominical para crianças da Igreja Evangélica. Metodologicamente, optamos por grupo focal de uma instituição religiosa protestante, estabelecemos um diálogo crítico com as “fontes”, falas das professoras entendidas como tal, abordando a importância em formar e atualizar os voluntários a professores que irão atuar na educação cristã infantil no espaço não-formal de educação, a Igreja Protestante, considerando a articulação entre conhecimento religioso e conhecimento científico, que, para nós, não podem ser considerados como opostos binários.

**Palavras-chaves:** Formação de professores; não-formal; Escola Bíblica Dominical para crianças.

## **ABSTRACT**

The objective of this work is to investigate and analyse the Christian educational process among kids and the importance of the training and updating of teachers who act on the religious teaching method of the Protestant Church. We make, for the purpose of this work, an analysis of teacher's training process with the use of current and historic literature, in the attempt to investigate the relationship between the formal and non-formal educational space, situating the Sunday Bible School for children in the Christian Church. Methodologically, we opted for a focal group in a protestant religion institution, establishing a critic dialog with the "sources", as the teachers are known, approaching the importance of training and updating the volunteers for teaching, who will act in the child Christian education in a non-formal educational space, the Protestant Church, considering the articulation between religious and scientific knowledge, which, for us, cannot be considered as binary opposites.

**Key words:** Teacher's training; non-formal; Sunday Bible School for children.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Robert Raikes, fundador da primeira Escola Bíblica Dominical no mundo.....	<b>28</b>
<b>Figura 2</b> - Robert e Sarah Kalley, fundadores da primeira Escola Bíblica Dominical no Brasil.....	<b>28</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO - O QUÊ E PORQUÊ DA IMPLICAÇÃO COM O TEMA .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I – VISÃO PANORÂMICA : CATÓLICOS E PROTESTANTES.....</b>	<b>15</b>
<b>1.1- Catolicismo e Protestantismo .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2-A Educação na concepção da Reforma Proteste.....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO II – A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO CRISTÃ PARA CRIANÇAS NA IGREJA EVANGÉLICA.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 – A necessidade da formação de professores da infância para espaços escolares e não escolares.....</b>	<b>20</b>
<b>2.2 – A Relação entre o espaço formal e não-formal de educação: situando a Escola Bíblica Dominical para crianças .....</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO III – A EDUCAÇÃO BIBLICA DOMINICAL E A FORMAÇÃO: A FALA DAS PROFESSORAS.....</b>	<b>30</b>
<b>IV-CONCLUSÃO - CONCLUSÃO DO QUE NÃO SE CONCLUI.....</b>	<b>43</b>
<b>V- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>45</b>

## **INTRODUÇÃO - O QUÊ E PORQUÊ DA IMPLICAÇÃO COM O TEMA**

Penso que ao escolhermos um tema monográfico o fazemos, para além das exigências da Universidade, porque, de alguma maneira estamos implicados com a mesma. A implicação possui vários sentidos. Alguns nos “pegam” e nos “enredam” de tal forma que podemos a eles ficarmos “submersos”, tal como é o meu.

Esse desafio, para o pesquisador, principalmente aqueles que estão dando os primeiros passos no ato de pesquisar, nos obriga a um duplo movimento: aproximarmos-nos e nos distanciarmos de nossas análises e, assim, percebermos da maneira mais próxima possível o que nos aguça o olhar e o que nos cega.

A temática do meu trabalho monográfico me obriga a buscar esse movimento, pela maneira como ela atravessa minha vida, desde sempre. Filha de Pastor, casada com um, durante toda minha trajetória a Igreja Evangélica esteve presente na minha vida vivida, de diversas formas. Mas, ousou enfrentar o desafio dessa pesquisa e dessa escrita.

Escolhi cursar pedagogia na UERJ/FFP devido a este ponto específico do meu percurso de vida. Nasci em 05 de fevereiro de 1986 e aos sete anos de idade, passei para a 2ª série da Educação Fundamental e foi nesta época que falei do meu desejo de ser professora. Tirava boas notas e gostava muito de minha professora. Por ser membro de uma família protestante, sempre frequentava a Escola Bíblica Dominical (EBD), e “amava” essa prática religiosa. Quando estava com 10 anos, além de ser aluna da EBD, também era auxiliar da classe das crianças de até 5 anos de idade, pois, também, “amava” ensinar aos pequeninos.

Aos dezesseis anos, assumi a minha primeira turma de Educação Infantil na EBD. Contava historinhas bíblicas, cantava os louvores infantis e fazia muitas brincadeiras. Eu reproduzia com os meus alunos aquilo que eu aprendera quando criança, pois sempre gostei de todas as minhas “professoras” da Igreja. Trabalhei nesta classe por dois anos e parei por motivos de estudos e concursos. Aos 21 anos, iniciei a graduação de Engenharia de Produção, pois possuía a formação técnica em Estruturas Navais, concomitantemente, contrai matrimônio e mudei de Igreja, permanecendo na mesma denominação, mas agora em um bairro da periferia de São Gonçalo.

Quando completei 22 anos, assumi a coordenação do Ministério Infantil Geração Vida (Departamento Infantil) de minha nova Igreja, bem como a classe de crianças de 9 a 11 anos de idade. A realidade dessas crianças era muito diferente da minha antiga Igreja, percebendo que poucos sabiam ler e escrever sem dificuldades. Elas possuíam um comportamento agitadíssimo, e na maior parte das vezes era até difícil a ação em sala de aula. Para mim,

beirava a desorganização. Comecei a ficar triste com a situação, pois elas me rejeitavam e não demonstravam interesse pelas aulas e novos conhecimentos.

Em determinado ponto, desse momento na minha trajetória no magistério na igreja, resolvi mudar minha estratégia. Ao invés de contar histórias, resolvi brincar com elas e passei a fazer gincanas de perguntas e respostas das histórias bíblicas, que elas já conheciam. Quando suas “atitudes” começaram a mudar, passando a demonstrar respeito por mim, interesse e aproximação, comecei a apresentar novas histórias para inovar a gincana, contextualizando fatos bíblicos com a realidade delas.

Senti, então, a necessidade de buscar bibliografias quanto à prática docente, comportamentos e jogos de forma geral. E todas essas leituras contribuíram muito para a minha prática dentro e fora da sala de aula na EBD. As crianças frequentavam a escola regular, mas pouco sabiam sobre os conteúdos. Apresentavam “lacunas” e “dificuldades” em matemática, gramática, interpretação de texto, leitura e escrita.

Devido a essas e outras situações, sentia a necessidade buscar atualização na área da Educação, pois pensava que, dessa maneira, seria uma boa “professora” aos meus alunos, pois apenas a minha memória, de como eram as minhas professoras da Igreja e a minha experiência aos 16 anos, não eram suficientes.

Dessa forma, além de buscar novos tipos de livros de educação, procurava congressos e cursos sobre Educação Cristã Infantil. Encontrei, mas... ainda não achava suficiente, pois, ao meu ver, eram superficiais. Enquanto isso, a minha motivação pela engenharia desapareceu, enquanto pela educação ia crescendo profundamente. Cada vez mais lia e pesquisava sobre Educação Cristã e de que forma a prática do Ensino Regular poderia contribuir na Igreja. Sendo assim, iniciei uma pesquisa sobre como era o curso de graduação em Pedagogia e para minha surpresa, o currículo enquadrava-se na minha nova necessidade e logo resolvi trocar de graduação, saí da engenharia e iniciei a Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores UERJ.

Após iniciar a graduação em Pedagogia, o meu desejo aumentava pelos novos conhecimentos e comecei a me interessar muito sobre a Formação de Professores, lançando um olhar mais atento para Didática, Educação infantil e Espaço nãoformal de Educação. Com isso, ao observar a Igreja como um espaço não-formal de educação, comecei a refletir sobre a importância dos professores voluntários, na Igreja, terem algum tipo de formação, atualização.

A atuação dos mesmos como docentes na Educação Cristã, crianças na Igreja Protestante, está voltada de maneira central para compreensão de sentimento de valor dessa

educação ligada a Igreja. Porém lhes faltam o domínio das práticas pedagógicas e ver esse período de maneira mais ampliada, para além de ser uma ação educativa confessional.

Na busca desse aprofundamento, fiz um levantamento bibliográfico sobre autores atuantes na Educação Cristã no interior da Igreja Protestante, dispensando a educação nos cursos teológicos. Algumas bibliografias foram encontradas, tais como sobre relatos de práticas infantis e juvenis e outras trazendo um pouco da didática para este espaço nãoformal de educação. Mas, nenhuma discutia de modo enfático a importância da atualização da formação de professores, bem como propostas de formação. Apenas era comentado sobre a importância do preparo do professor e de suas características para lecionar.

Devo compartilhar que, ao entrar na graduação, já tinha em mente o meu tema, porém Ocorreram-me dúvidas quanto a ele por se tratar de um assunto que situa a Igreja Evangélica, mesmo pensando ter claro que o intuito da pesquisa não era pregar a fé protestante. Mesmo assim, decidi levar a frente o meu tema, afinal, o motivo principal por fazer Pedagogia era a Formação de Professores da EBD infantil. Por sorte, encontrei uma professora que me encorajou a levar adiante o meu tema, e após, outra professora que aceitou este desafio, me orientar.

Nesse novo olhar para a formação de professores atuantes na EBD infantil na Igreja protestante fez com que eu refletisse de maneira diferente sobre a ação das professoras que ali atuam, e na medida do possível, propor transformação das ações e atitudes frente aos desafios que o ato de lecionar impõe. Desde então, este novo olhar tem sido de grande importância para minha formação.

A partir das análises bibliográficas sobre a temática e grupo focal de uma instituição religiosa protestante, tenho por objetivo neste trabalho: destacar a importância da formação e atualização dos voluntários a professores de Educação Cristã para crianças atuantes na Igreja; analisar a importância da formação e atualização desses voluntários que trabalham com as crianças na Igreja Nova Vida no Portão do Rosa, em São Gonçalo, quanto a educação cristã para que o processo ensino aprendizagem seja excelente; e problematizar o fato de que os professores de educação cristã devem ter formação em Educação e estarem atualizadas para atuarem como educadores na igreja, situando-a como um espaço não-formal de educação.

Por meio dessa perspectiva, esta pesquisa foi desenvolvida em três capítulos. Em seu primeiro, um panorama histórico acerca do Protestantismo e Catolicismo, bem como as marcas da Reforma Protestante, na concepção luterana, que influenciaram e/ou influenciam na estruturação da educação. No 2º Capítulo, uma discussão sobre a importância da formação de

professores para os espaços formais e não-formais de educação, situando a Escola Bíblica Dominical para crianças como um espaço não-formal de educação. Por fim, no 3º Capítulo, uma análise sobre a importância da formação e da Escola Bíblica Dominical para crianças a partir das falas das “professoras” voluntárias da EBD da Igreja Nova Vida no Portão do Rosa.

## CAPÍTULO I – VISÃO PANORÂMICA: CATÓLICOS E PROTESTANTES

### 1.1 – Catolicismo e Protestantismo

Como vertentes do Cristianismo, o Catolicismo e o Protestantismo têm pôr base os ensinamentos de Jesus de Nazaré, sendo mais antiga a religião Católica, originada a partir do ano 50 D.C, por meio das experiências de pessoas cristãs da Igreja de Roma.

Na Idade Média, a Igreja Católica tornou-se muito poderosa na Europa, interferindo até mesmo nas decisões políticas, constituindo-se, então, como a autoridade máxima. Como detentora de todo conhecimento, o ensino era dominado pela Igreja, as missas eram em latim e a Bíblia não era traduzida para a língua materna. Dessa forma, pregava contra o acúmulo de bens, porém se contradizia quando praticava a venda de indulgências, ou seja, perdão pelo pecado com entrada garantida no Paraíso. Em obediência às ordens do Papa Leão X, o monge católico Tetzel iniciou em Wittenberg (Alemanha) uma campanha a fim de estimular a compra de indulgências, fato que ocasionou inúmeros protestos.

Que o Nosso Senhor Jesus Cristo se apiede de ti, e te absolva pelos méritos de Sua Santíssima Paixão. E eu, por Sua autoridade, e a de seus benditos apóstolos Pedro e Paulo, e do santíssimo Papa, a mim concedida e transmitida nestas partes, absolvo-te, primeiro de todas as censuras eclesiásticas, seja qual for o modo com que incorreste nelas, e em seguida de todos os teus pecados, transgressões e excessos, por mais enormes que sejam, e até dos que são reservados ao julgamento da Santa Sé; e, até onde se estenderem as chaves da Santa Igreja, redimo-te de todo o castigo que mereças no purgatório em nome delas, e te reintegro nos santos sacramentos da Igreja e naquela inocência e pureza que possuías no batismo; de modo que, quando morreres os portões do castigo estarão fechados, e os portões do paraíso de delícias estarão abertos; e, se não morreres agora, esta graça continuará em plena força quando estiveres a ponto de morrer. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. (Tetzel, 1517. Apud Seffener, 1993: 22-23)

O Protestantismo apresentou-se, ao mundo cristão, por meio de um movimento liderado pelo monge, da ordem de Santo Agostinho, Martinho Lutero (1483-1546) no século XVI, em protesto contra doutrinas da Igreja Católica, pois grande era sua insatisfação com as atitudes da mesma quanto ao distanciamento com relação aos princípios primordiais, como por exemplo, a venda de indulgências pelo Papa Leão X, ou seja, a Igreja pregava que qualquer cristão poderia comprar o perdão por seus pecados e até mesmo de pessoas que já morreram para saírem do purgatório<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Local onde as almas das pessoas que morreram aguardam serem purificadas para chegarem ao Reino dos Céus.

Dando um passo atrás para melhor avançar, destacamos o período de transição do Feudalismo para o chamado Antigo Regime (a consolidação do absolutismo centrado na figura do rei), quando diversos aspectos tomaram a frente e modificações profundas nas relações sociais ocorreram. Citamos o Humanismo, o Renascimento, a Expansão Marítima e Comercial Européia. Nessa intensa conjuntura é que vamos encontrar novas maneiras de perceber o mundo e, particularmente, a Reforma Protestante.

A Igreja Católica constituía-se na autoridade máxima na Europa, com poder e riqueza consolidados. As críticas e ataques, a ela dirigidos, não provocavam maiores conseqüências que colocasse em risco seu poder.

Porém, o movimento Protestante ganhou adeptos importantes. Alguns monarcas, sustentaram o movimento que ficou conhecido como Reforma Protestante, abalando os fundamentos católicos, o poder papal, além dos questionamentos sobre as práticas e dogmas católicos.

De fato, os monarcas desejavam o poder concentrado nas mãos do papado e desejavam desvincular o Estado da Igreja. O movimento da Reforma Protestante nasce em meio a este cenário, em um momento histórico propício a mudanças. Lutero recebe o apoio da nobreza que possuía grande interesse no confisco dos bens da Igreja e Calvino tem o suporte da camada mais rica da burguesia que se beneficiaria posteriormente com essas mudanças nas relações de poder, de então.

Audaciosamente, Lutero pregou na porta da Catedral de Wittemberg, um documento com 95 teses contra as práticas da Igreja. A cúpula de poder da Igreja Católica considerou tal situação de extrema afronta, passando Lutero a ser alvo de incontáveis ameaças até ser excomungado. O monge obteve proteção junto a alguns príncipes germânicos, difundiu sua doutrina, contando, também, com o apoio da imprensa.

Para o trabalho, aqui apresentado, destacaremos as posições assumidas pela Reforma Protestante no que diz respeito à educação:

- a) separação da Igreja/Estado;
- b) o Estado prover educação para todos;
- c) tradução da Bíblia para a língua materna;
- d) evangelizar, nas Igrejas Protestantes, por meio da Bíblia.

O objetivo da separação do ensino cristão do ensino escolar regular, era possibilitar e fazer com que as pessoas, como um todo, tivessem acesso à educação. Era de interesse da Reforma que todos fossem alfabetizados. À Bíblia, traduzida para a língua materna, a



população teria acesso direto a palavra de Deus, aumentando seu alcance e, com isso, aumento da evangelização, na vertente Protestante.

Esta evangelização, realizada pela Igreja Protestante, em princípio possibilitaria que todos tivessem acesso ao conhecimento bíblico e aos seus direitos e deveres de acordo com a palavra bíblica, e dessa forma não ficariam tão submetidos ao poder que emanava da Igreja Católica, como grande mediadora entre Deus e o homem comum.

Esta nova modalidade de educação, no espaço da Igreja, seria uma educação não-formal, pois não se dava dentro dos muros da escola. Seria, contudo um ensino intencional, cujos conhecimentos seriam a palavra de Deus por meio da Bíblia traduzida na língua materna. Mas quem seria professor desse ensino? Na época, os próprios sacerdotes. Essa intencionalidade me fez refletir na Educação Infantil Cristã, da Igreja Evangélica, nos dias de hoje.

Se a Igreja tem a intencionalidade de ensinar alguma coisa a alguém constituindo um espaço não-formal de educação, como é a realização desta educação? Quem são as pessoas que ensinam? Elas possuem alguma formação para esta prática? E como é o público alvo deste ensino? Como deve ser a prática do “professor” de Educação Infantil Cristã dentro da Igreja Evangélica? O que isso tem a ver com as orientações oriundas da Reforma Protestante?

Nesta proposta de fazer a Educação Cristã separada da Educação Regular, como um objetivo importante da Reforma Protestante, temos a posição que, nos dias atuais deve haver uma preocupação por parte das Igrejas Evangélicas em como será a formação do professor que trabalha neste ensino para as crianças que frequentam seu espaço não-formal de educação.

## **1.2- A Educação na concepção da Protestante**

As reflexões a seguir têm sua centralidade nas ideias e ações de Martinho Lutero, para quem a Educação, evidenciada na consolidação do mesmo, era um aspecto importante e urgente de reformulação. A Educação e a defesa da escola pública estão destacadas na base da Reforma Protestante.

Lutero interrogava pontos possuidores de grande polêmica na Religião e de importância para iniciar o Movimento Reformista. Como exemplo: corrupção da Igreja

Católica; comércio de objetos sagrados; cargos na Igreja (prática conhecida como simonia); hipocrisia à prática do celibato por integrantes do clero; exploração escandalosa da fé do culto às relíquias sagradas e venda de indulgências.

Com o declínio das rendas feudais, a Igreja lança mão de outras fonte intensifica-se a venda de cargos eclesiásticos, a criação de dioceses e paróquias. O comércio e a veneração de artigos religiosos atingiu tal vulto que alguns críticos da Igreja denunciavam o fato de que nada menos de cinco tábias de jumento montado por Jesus quando entrou em Jerusalém eram exibidas em diferentes lugares, sem contar as doze cabeças de João Batista, inúmeras penas do Espírito Santo e inclusive um ovo exibido pelo arcebispo de Mogúncia, além de espinhos da cruz de Cristo, pedaços do santo sudário ou o manto da Virgem Maria, migalhas do pão que Jesus partiu na última ceia....( SEFFENER, 1993:20)

A Educação o movimento ao defender a alfabetização do “povo”, uma das preocupações de base do protestantismo, aponta para a tática de que se o povo fosse alfabetizado e conhecesse a Bíblia, por si mesmo, como já citado acima, o poder da Igreja Católica diminuiria e aumentaria o da Igreja Protestante. Defendem estão a criação de escolas elementares, reforma do ensino secundário e da universidade, atingindo toda a população.

Lutero traduz a Bíblia para a língua materna e escreve dois textos específicos sobre suas concepções quanto à educação, tanto no que diz respeito ao Estado quanto a Igreja, com o objetivo de “atingir” os pais e “formar” cidadãos bem-educados para atuarem no governo secular.

No mesmo movimento que busca a separação entre Igreja e Estado, a manutenção de escolas como escolas cristãs e não laicas, ocorre. Segundo Martin Volkmann (1984):

para Lutero ainda era óbvio que todas as escolas fossem cristãs. Na sua época, ainda não havia o que hoje conhecemos por secularização. As autoridades seculares, mesmo no exercício de suas funções, não deixavam de ser cristãs (p.37).

O ex-monge estimula a criação de escolas que tenham a Bíblia entre seus livros, objetivando formar o “bom cristão” a atuarem na sociedade, sejam como pregadores do Evangelho ou como autoridades da vida secular.

Lutero estimula, também, o ensino das línguas clássicas. Para ele era fundamental o estudo do Latim, grego e hebraico. Além dessas, também, recomendava, para a educação secundária, o ensino das ciências, artes liberais, ensino da música, história, principalmente esta última, pois para Lutero (1995), as crianças, por meio da história, conheceriam a sabedoria do mundo.

Quanto ao método de ensino proposto, devido à sua educação ter sido baseada na escolástica medieval, bem como estar em contato com as inovações oferecidas pelo Humanismo, Lutero faz uma crítica severa ao ensino nas Universidades e nos Conventos, reivindicado a utilização de novos métodos no processo educativo, além de se opor ao sistema de punições de caráter físico e pressões psicológicas.

De acordo com Walter Altmann (1994) *“Lutero, em geral, aceitou os princípios pedagógicos da escola humanista”* (p.206), devido a grande influência de seu amigo humanista Felipe Melanchton.

Porém, para Maria Lúcia Hilsdorf (2006) Lutero não seguia a visão humanista no que diz respeito a escolarização da infância protestante, na escola elementar. Afirma que tal escolarização tinha por base a catequese da doutrina protestante.

As análises divergentes, aqui citadas, ainda que dela nos ocupemos no escopo desse trabalho, nos mostra como esse período histórico-social tem nuances nas quais precisamos nos debruçar pela sua atualidade no campo educativo, onde velhas concepções e abordagens ganham novas roupagens e se apresentam nos locais educacionais, tanto formais como não-formais.

## CAPÍTULO II – IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO EM ESPAÇO NÃO-FORMAL DE EDUCAÇÃO

### 2.1 - A necessidade da formação de professores da infância para espaços escolares e não-escolares

Por que no Século XXI ainda é necessária a formação de professores da infância, tanto nos espaços escolares quanto em outros campos de atuação educativa?

Para nos aproximarmos dessa interrogação, tão presente nas discussões sobre o sentido da Educação para o Século XX, vamos discutir, panoramicamente, o processo quanto à institucionalização da formação de professores no nosso país.

Em meio à expansão do protestantismo, a Igreja Católica inicia um movimento de reação – a Contra-Reforma, que tinha como objetivo principal à recuperação de espaços atingidos pela crença protestante. Ocorre o Concílio de Trento e entre diversas medidas é criada a Companhia de Jesus neste período turbulento.

*A Missão jesuítica está no centro do movimento militante da Contra-Reforma, mas percebeu que sua guerra religiosa não é a europeia, está nos trópicos e a maior arma é o saber. O controle do saber se confunde com o controle do poder: poder e saber – Fé e Império – se confundem e se alastram para fora dos centros em que se engendram, e descem para o Sul.(Flores, 2003:85).*

A Companhia de Jesus era/é uma ordem religiosa bastante peculiar, se comparada com as demais existentes desde o século XV. Seu objetivo, principal, era a divulgação e propagação da fé católica a todo o mundo, inclusive aos lugares tidos como profanos pelos cristãos europeus.

Sua ação era fora dos conventos e sua disciplina interna seguia o modelo militarizado, influência de seu mais expressivo fundador: Inácio de Loyola, um ex-militar. A sua criação está relacionada com o objetivo de, através da criação de missões, intensificar a propagação da doutrina católica aos considerados gentios.

*Pressuposto básico da missão é o de que a cristandade tem dimensão social que deve ser cumprida. A missão é um tipo de abertura significativa que representa a confirmação de uma vontade de inserção da Igreja em laços diferentes, maiores, profanos, sociais. Se não há abismos intransponíveis, por que não construir ou, pelo menos, usar as pontes que unem o ‘sagrado’ e o ‘profano’? A consciência moral cristã passa a assumir o risco de se lançar fora de si, em um*

*certo sentido de se dessacralisar em nome de uma ampliação – ou de uma reafirmação – do universo de Cristo.” (Flores, 2003:79)*

O primeiro projeto educacional com a extensão do que podemos chamar de “nacionais” nas novas terras “*brasilis*” foi o jesuíta. Assim, a Educação no Brasil se faz presente desde a chegada da Companhia de Jesus a fim de catequizar os índios, bem como pensar no ato de ensinar como uma vocação.

De acordo com Flores (2003), podemos constatar que os valores e a função da educação foram perpassados ao longo dos anos para sociedade em geral, deixando marcas em nossa conjuntura e práticas educativas. A necessidade de formação de professores é ação estratégica nas lutas por projetos educacionais e disputas entre interesses políticos.

Com a entrada da República<sup>2</sup> como um sistema político, no Brasil, a educação também passou por transformações devidas à entrada de novas concepções e grupos na cena política. A concepção educacional, que mais tarde (1930) ganhou amplitude nacional, sendo discutida até os nossos dias ficou conhecida como “movimento da Escola Nova”.

O escolanovismo, a partir de 1920, se volta, especialmente, para a formação profissional do professor, entre outras intervenções na Educação Brasileira. Pedagogicamente, o ideário escolanovista, de tradição humanista se incorpora na educação e na formação de professores no Brasil, influenciado pelos conhecimentos da Psicologia, Sociologia e Filosofia e demais ciências. (VIEIRA, 2012, p. 3845).

Em 1937, com o Golpe do Estado Novo<sup>3</sup>, não houve continuidade na educação dentro da perspectiva escolovista. A partir de 1946, por meio da Lei Orgânica do Ensino Normal e a Lei Orgânica do Ensino Primário<sup>4</sup> se buscou, mais uma vez, dar rumo e organização à Educação no país. Para o curso normal houve uma seleção de professores com a finalidade de capacitação e atualização para exercerem sua prática, atendendo às demandas do ensino primário.

De acordo com Decreto-Lei 8530, de 20/01/1946, o Ensino Normal tinha como finalidade: promover a formação do pessoal docente necessário às escolas primárias; habilitar administradores escolares destinados às mesmas

---

<sup>2</sup> Novo tipo de regime de governo no Brasil, que deixa de ser Império e passa a ser uma democracia presidencialista.

<sup>3</sup> Uma tomada de poder excepcional por Getúlio Vargas ao denunciar dois concorrentes à presidência do Brasil devido a um suposto plano comunista para o país.

<sup>4</sup> Duas bases de organização para os ensinos Primário e Normal no Brasil decretada pelo presidente Eurico Gaspar Dutra.

escolas; e desenvolver e propagar os conhecimentos e técnicas relativas à educação da infância. Foi dividido em dois ciclos, sendo o 1º com duração de quatro anos, destinados à formação de “regentes” e funcionava nas Escolas Normais Regionais. O 2º ciclo, em dois anos, formaria o professor primário e era ministrado nas Escolas Normais e nos Institutos de Educação. Esta organização reforçou a dualidade na formação dos professores (VIERA, 2012, p.3847).

Ressaltamos, no grande e árduo caminho da luta por educação no Brasil, a preocupação com a formação dos professores. Essa preocupação, pode ser estendida para espaços não escolares? De acordo com a professora Nilda Alves<sup>5</sup> (2002), a aprendizagem também ocorre fora dos muros da escola já que os seres humanos são sociais, históricos e culturais.

Entre idas e vindas, dependendo da conjuntura política brasileira, após duas décadas de discussão é promulgada a Lei 9.124, de 20 de dezembro de 1961, Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (LDB), consolidando o ensino normal. Porém, como nos diz Nóvoa (2012, s/p.), *“As escolas normais legitimam um saber produzido no exterior da profissão docente, que veicula uma concepção dos professores centrada na difusão e na transmissão do conhecimento”*.

Nova LDB é constituída em 1971, com o país vivendo a ditadura estabelecida com o Golpe Civil-militar de 1964. A Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (nº 5.692, de 11 de agosto de 1971) para os ensinos de 1º e 2º grau, modificando a configuração, anterior, da organização do ensino: primário, ginásial e científico ou clássico (respectivamente). Após o final da Ditadura Civil-Militar<sup>6</sup> uma nova Lei de Diretrizes e Bases é discutida e promulgada, passando o Ensino Básico a ser organizado em Ensino Fundamental e Médio.

Em 1996, dentro do corpo da LDB nº 9.394, de 20 de dezembro, há exigência no campo da Formação de Docentes, estabelecendo, para aqueles que atuam na educação básica (fundamental e médio), a formação será em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em Universidades e Institutos Superiores de Educação.

Ocorre uma “crise” nas antigas Escolas Normais, que passam a ser entendidas como escolas de ensino médio, sendo a matrícula nessas instituições feitas através do serviço de 0800. Já na década de 1970-1980, as jovens de “classe média” trocam a Escola Normal por outras profissões, e ocorre o boom de entrada nas Escolas Normais das jovens de classe média baixa e grupos menos favorecidos.

---

<sup>5</sup> Professora titular da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

<sup>6</sup> Um regime autoritário que dirigiu o país Ed 1964 até 1985.

No século XXI, a Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013, cuja finalidade é dispor da formação dos profissionais da educação e dar outras providências, altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, a mesma formação para os profissionais, apenas mudando a nomenclatura de série para anos:

Art.62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. (LEI Nº 12.796, de 4 de abril de 2013).

Observamos, ao longo das mudanças nas políticas públicas, que a Educação é dever da família e do Estado e o seu objetivo para com a sociedade é o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A construção de um cidadão formado se dá por meio da presença de um profissional docente, o qual exerce o papel de mediador do ato educativo. Portanto, ao pensarmos no fenômeno educativo, não podemos deixar de lado a Pedagogia e sua premissa, pois de acordo com Libâneo (2010), ela se apropria dos processos educativos, dos métodos, da maneira de ensinar, e de um significado ainda mais amplo:

Ela é um campo de conhecimento sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa. O pedagógico refere-se à finalidade da ação educativa, implicando objetivos sociopolíticos a partir dos quais se estabelecem formas organizativas e metodológicas da ação educativa. (LIBÂNEO, 2010, p.29-30).

Reafirma-se a importância do preparo de professores de crianças a fim de que o processo de educação seja eficaz dentro ou fora dos muros da escola. As crianças possuem suas particularidades quanto à aprendizagem, suas fases de desenvolvimento e seu tempo para aprender devem ser respeitados. Para que isso ocorra é importante um profissional da educação que tenha conhecimento e sensibilidade.

Nesse contexto, Vieira (2009) ressalta que, nas últimas décadas, as transformações ocorridas tem sido significativas nos mais variados campos da produção humana, e que a educação não está à margem desse processo, por isso *“tais observações remetem à necessidade de conhecer um pouco mais de perto o contexto em que atuam os professores, examinando elementos de alguns cenários de reforma que exercem impacto sobre o magistério”* (Vieira, 2009, p. 138). A preocupação e o investimento na formação de

professores comprometidos com sua prática contribuirão eficientemente na formação de cidadãos críticos e reflexivos mais atuantes na sociedade.

Ainda nessa perspectiva, para que o professor da infância seja um mediador por excelência, ele precisa se reconhecer como sujeito reflexivo de sua prática compreendendo a sua posição como tal. Vale ressaltar as concepções de Libâneo (1994):

Educação é um conceito amplo que se refere ao processo de desenvolvimento unilateral da personalidade (...) corresponde, pois, a toda modalidade de influências e inter-relações que convergem para formação de traços de personalidades social e do caráter, implicando uma concepção de mundo, ideais, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática. (...) A instrução se refere à formação intelectual, formação e desenvolvimento das capacidades cognoscitivas mediante o domínio de certo nível de conhecimentos sistematizados. O ensino corresponde a ações, meios e condições para realização da instrução. (LIBÂNEO, 1994, p. 23).

Um dos objetivos em formar professores que trabalhem com crianças deve apontar para a possibilidade do mesmo informar e formar seus alunos através da relação ensino-aprendizagem, ferramenta que intervirá no processo educacional conforme suas particularidades. Para o autor acima citado, a educação acontece em qualquer lugar na sociedade, seja num espaço escolar ou não-escolar.

Também se torna imprescindível quanto à importância da formação de docentes atuantes com crianças, tanto para espaços escolares ou não, de acordo com as proposições de Nóvoa (2012, s/p.): *As situações que os professores são obrigados a enfrentar (e a resolver) apresentam características únicas, exigindo respostas únicas: o profissional competente possui capacidade de auto-desenvolvimento reflexivo.*

Para esses desafios, que surgem, o professor precisa estar preparado e com conhecimentos que poderão ser aplicados de acordo com a situação. Este docente como uma pessoa que reflete sobre sua prática, e cujo trabalho também esteja balizado em sua experiência<sup>7</sup>, sendo esta antes, durante e após sua formação.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a

---

<sup>7</sup> O conceito de experiência aqui, segundo Edward Thompson, é quando se faz uma releitura do passado busca-se a multiplicidade de experiência, em revalorizar as perdas e os ganhos que tiveram uma grande importância histórica, pois só assim compreendem-se os conflitos e os processos de transformação.



pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (...) (...) o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. (...). Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura, (BONDÍA, 2002, pp.21,24).

Para a formação do docente também é relevante destacar essa experiência, pois por meio dela analisamos o cotidiano quanto à formação dos profissionais da educação. O professor em processo de formação analisa em suas futuras e atuais práticas na educação, sua experiência individual e coletiva, pois estas deixam marcas durante o seu caminhar. Quando esses momentos pelos quais passaram os tocam ou quando se deixam tocar por eles, estes os movem.

## **2.2 - A Relação entre o espaço formal e não-formal de educação: situando a Escola Bíblica Dominical para crianças**

Muitas são as maneiras e os lugares para se aprender, fazendo com que ninguém esteja completamente apartado da educação. A sala de aula da escola, o recreio no pátio escolar, na família, um museu, o zoológico, no trabalho, na rua, um cursinho de desenho, curso de teatro, as aulas de dança e esportes e por que não na igreja? Diariamente misturamos nossa vida com a educação, mesmo que isso ocorra de forma não aparente, não percebemos e nos damos conta do momento, pois não existe uma única forma ou modelo para se educar.

Especificamente no que diz respeito aos processos de ensino aprendizagem, as formas criativas e particulares através dos quais professoras e professores buscam o aprendizado de seus alunos avançam muito além daquilo que poderíamos captar ou compreender de modo genérico, pois cada forma nova de ensinar, cada conteúdo trabalhado, cada experiência particular só pode ser entendida junto ao conjunto de circunstâncias que a torna possível, o que envolve a história da vida dos sujeitos em interação, sua formação e a realidade local específica, com as experiências e saberes progressos de todos, entre os outros elementos da vida cotidiana (OLIVEIRA, 2002, p.42).

Para Arroyo (2002), na concepção da sociedade, os professores são representações sociais que se instituíram e se congelaram em formas duras da rotina e que, encontraram tanto nas pesquisas acadêmicas, como nas políticas públicas, respostas para serem qualificados em função de suas habilidades, competências, inserções e engajamentos. Mas em quais

engajamentos e inserções? Em espaços apenas formais de educação? E a atuação para o ensino nos espaços não-formais? A educação não ocorre nesses dois espaços?

Já Libâneo (2010) caracteriza a educação de maneira ampla, visto que ela ocorre em vários lugares e de diferentes formas, como prática social enraizada dentro do contexto geral da sociedade, incluindo como agentes da educação múltiplas instituições, formais ou não, e práticas em muitos lugares distintos. Ou seja, em tudo e em todos os dias, nossas vidas então entrelaçadas com a educação, pois para qualquer tipo de coisa não há apenas uma educação, mas várias. Ainda, segundo o autor:

A educação é uma função parcial integrante da produção e reprodução da vida social, que é determinada por meio da tarefa natural, e ao mesmo tempo cunhada socialmente, da regeneração de sujeitos humanos, sem os quais não existiria nenhuma práxis social. A história do progresso social é simultaneamente também um desenvolvimento dos indivíduos em suas capacidades espirituais e corporais e em suas relações mútuas. A sociedade depende tanto da formação e da evolução dos indivíduos que a constituem, quanto estes não podem se desenvolver fora das relações sociais. (SCHMIED-KOWARZIK apud LIBÂNEO, 2010, p.32)

Libâneo (2010) ao sinaliza o caráter mediador como algo intrínseco do ato educativo, favorecendo a inserção dos indivíduos no meio social e cultural de grupo ao qual pertence, coloca os saberes e modos de ação como conteúdos desse processo mediador, elucida as diversas educações, modalidades e instituições, dentre às quais se encontra o espaço formal de educação.

Se pensarmos, para efeitos meramente didáticos, os espaços formais e os não-formais consideramos a educação formal aquela que se dá dentro dos muros das instituições formalizadas como escolares e assim estruturadas.

Surge, pois, no desenvolvimento histórico da sociedade, a educação intencional como consequência da complexificação da vida social e cultural, da modernização das instituições, do progresso técnico científico, da necessidade de cada vez maior número de pessoas participarem das decisões que envolvem a coletividade. A sociedade moderna tem uma necessidade inelutável de processos educacionais intencionais, implicando objetivos sociopolíticos explícitos, conteúdos, métodos, lugares e condições específicas de educação, precisamente para possibilitar aos indivíduos a participação consciente, ativa, crítica na vida social global. (LIBÂNEO, 2010, p.87-88)

Libâneo (2010, p.31) nos diz que “A *educação formal* compreenderia instâncias de formação, escolares ou não, onde há objetivos educacionais explícitos e uma ação intencional institucionalizada, estruturada, sistemática.” (grifo do autor). Em sua obra

adentra ao debate quanto ao espaço formal. Não considerando somente as escolas (instituições convencionais) como únicas a oferecerem esta modalidade. Mas quais outras atividades educativas também podem ser compreendidas como formais? De acordo com o autor,

... também a educação de adultos, a educação sindical, a educação profissional, desde que nelas estejam presentes a intencionalidade, a sistematicidade e condições previamente preparadas, atributos que caracterizam um trabalho pedagógico-didático, ainda que realizadas fora do marco do *escolar* propriamente dito. (LIBÂNEO, 2010, p.89, grifo do autor)

No entanto, a educação compreendida no espaço não-formal, mesmo com caráter intencional, é aquela, de acordo com Libâneo (2010), cujo nível de estruturação e sistematização é inferior em relação ao formal, ou seja, as implicações quanto às relações pedagógicas não são formalizadas. Mas onde ocorre esta modalidade de educação? Podemos observar que esta ocorre em instituições educativas que não possuam um marco institucional, tal como destaca o autor:

Tal é o caso dos movimentos sociais organizados na cidade e no campo, os trabalhos comunitários, atividades de animação cultural, os meios de comunicação social, os equipamentos urbanos culturais e de lazer (museus, cinemas, praças, áreas de recreação) etc. Na escola são práticas não-formais as atividades extra-escolares que provêm conhecimentos complementares, em conexão com a educação formal (feiras, visitas etc). (LIBÂNEO, 2010, p.89)

Ao observar essas duas modalidades, faz-se necessário aprofundarmos o mais possível, pois as duas possuem intencionalidades, sistematização e estruturação, porém a não-formal em configuração diferenciada da educação formal.

Já que a educação em um espaço não-formal ocorre fora dos muros da escola, podemos situar aqui o ensino oferecido pela Igreja Protestante? Que ensino seria este para ser caracterizado como esta modalidade de prática educativa? Como é oferecida a educação cristã para crianças dentro da igreja? Esta pode ser realmente encarada como um tipo de educação? Libâneo (2010, p.26) diz “*Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar*”.

A Educação Cristã para crianças é oferecida pela Igreja Protestante por meio da Escola Bíblica Dominical (EBD). Em virtude das características que esta apresenta a situamos, então, como um espaço não-formal de educação.

Mas, o que é a EBD? O que ela representa? Possui alguma sistematização para o ensino? Possui professores para atuar nesta educação? Quais são seus objetivos?

Até os dias de hoje, ainda não se tem um conceito específico, definido e estruturado da Escola Bíblica Dominical (EBD). Cada igreja tem a autonomia para definir a sua, mesmo que o objetivo seja comum a todas. Para que possamos compreendê-la, defini-la e situá-la como um espaço não-formal de educação, buscaremos, de maneira sucinta, narrar o seu surgimento bem como a abordagem de alguns autores quanto a sua definição.

A primeira Escola Bíblica Dominical instituída foi na Inglaterra pelo jornalista inglês Robert Raikes (1735-1811) (**figura 1**). Enquanto trabalhava em seu editorial para o jornal de Gloucester, teve sua concentração perdida devido aos gritos e palavrões das crianças que brincavam na rua aos domingos, pois as mesmas trabalhavam nas fábricas durante a semana. Começou a pensar que as mesmas não possuíam acesso à educação necessária para o futuro. Escreveu dois editoriais: o primeiro, sobre as crianças pobres que não possuíam oportunidade para estudar; no segundo, expôs seu projeto de começar aulas de alfabetização, português, matemática, e educação religiosa protestante para essas crianças, durante algumas horas de domingo.



**Figura 1**

Para o início desse empreendimento, o jornalista Robert Raikes contou com o apoio de algumas mulheres dando aulas em suas residências, e após, com algumas professoras de uma Paróquia Anglicana. E em tempo reduzido, essas crianças aprenderam, além da Bíblia, lições de moral, ética, e educação religiosa, ou seja, educação cristã, aplicando os conhecimentos bíblicos ao seu dia a dia.

No Brasil, a EBD surgiu em 1855, na cidade de Petrópolis no Rio de Janeiro, por meio de um casal de missionários escoceses, Robert e Sarah Kalley (**figura 2**). Assim que chegaram ao Brasil, instituíram uma escola a fim de ensinar



**Figura 2**

a Bíblia. A primeira aula foi em um domingo, 19 de agosto de 1855, com a presença de pouquíssimas crianças. O tempo passou e o número de pessoas cresceu tanto que o missionário iniciou também aulas para Jovens e Adultos.

A EBD hoje está presente nas Igrejas Protestantes espalhadas pelo mundo. Portanto, consideramos como necessária a formação e atualização para “professores”<sup>8</sup> atuantes no espaço que ocupa, visto que a EBD se apropria de objetivos e funções para o seu ensino específico.

Mas é evidente que as transformações contemporâneas contribuíram para consolidar o entendimento da educação como fenômeno plurifacetado, ocorrendo em muitos lugares, institucionalizado ou não, sob várias modalidades. (LIBÂNEO, 2010, p.26)

Ainda que, não se tenha um conceito fechado para a EBD, segundo Tuler (2009) esta escola é a mais importante agência educativa, de maior alcance, que a Igreja possui como centralidade a Bíblia, livro único de regra de fé e prática para os cristãos. Cuninggim e North (1928, p. 11.) citados por Freitas (2006, p.62) enfatizam que “a Escola Dominical é a única instituição que séria e sistemática se propõe promover a educação religiosa de todos os membros da Igreja [...]” protestante.

Analisando as proposições, acima citadas, as concepções para o ensino cristão abordado por Lutero, a atuação da EBD preconizadas pelo jornalista inglês Robert Raikes, sintetizamos: a EBD, como lugar de educação, além de propagar o Evangelho, tem a função de habilitar o cristão protestante para o exercício da cidadania na sociedade a partir de sua experiência de fé e princípios bíblicos, ou seja, pôr em prática os valores cristãos de forma ética.

Ao refletir a EBD e a quem ela se destina, não podemos deixar de lado a criança, um ser em constante desenvolvimento, devendo ser respeitadas suas maneiras e formas de aprendizagem. A Escola Bíblica Dominical, um espaço não-formal de educação, também atende o público infantil, dentro da Igreja Protestante, possuindo, desta forma, algumas características semelhantes à escola regular como, por exemplo, sua organização com divisões de classes respeitando os diferentes estágios do desenvolvimento da criança, a fim de alcançarem o seu objetivo.

Impõe-se, assim, uma observação dos comportamentos exteriores da criança como reveladores da sua interioridade, pelo que os movimentos as percepções e as expressões, destacadamente a linguagem verbal, se vão constituir em factos psicológicos, passíveis de serem observados, medidos, classificados, seriados, a fim de possibilitarem a determinação daquilo que em cada idade a criança consegue fazer e compreender, e de aferição de um padrão de normalidade humano infantil (FERREIRA, 2000, p. 98).

---

<sup>8</sup> Encontra-se entre aspas por não possuírem uma formação acadêmica, ainda que exerçam essa função.

### **CAPÍTULO III – A EDUCAÇÃO BÍBLICA DOMINICAL E A FORMAÇÃO: A FALA DAS PROFESSORAS**

No ato da escrita de um trabalho acadêmico, principalmente no seu primeiro autoral de um pesquisador iniciante, quem escreve não é um estranho diante daquilo que produz como autor. Segundo Clarice Nunes, ao refletir sobre o ofício do historiador, a escolha de um tema transcende a relação meramente objetiva, apontando para a relação íntima que o historiador, aqui ampliado para o pesquisador em escopo mais amplo, mantém com seu trabalho.

São diversos os motivos que levam alguém a aceitar o desafio da pesquisa e a privilegiar a compreensão da Educação no movimento histórico. O mito da objetividade histórica, no entanto, mais interiorizado do que suspeitamos, intimidou os historiadores a falarem sobre eles mesmos e levou-os a esconderem-se por detrás dos seus fichamentos e do texto produzido, furtando-se de quaisquer referências que colocassem em risco a impessoalidade (falsa) e as condições (precárias) da sua garantia. A ligação íntima e estreita que o historiador mantém com seu trabalho, porém, longe de constituir obstáculo incontornado, pode se tornar um instrumento que impulsiona a compreensão, tão mais vigoroso do que qualquer vaga intenção, confessada ou não, de objetividade. Falemos, então, desse investimento existencial que nos conduz à pesquisa histórica, sem necessariamente cair na autobiografia, nas confidências inúteis, na profissão de fé ou na psicanálise rasteira. Afinal, o olhar que olha os outros sente a necessidade de voltar-se para si mesmo. O corpo que se apropria da história precisa enxergar-se apropriado pela História da qual se apropria”. (NUNES, 2003, p.1).

As minhas próprias inquietações sobre a temática começam e têm sua “força” na própria trajetória de vida. Filha de pastor, casada com outro, seguindo a religião protestante desde sempre, como refletir e fazer a crítica necessária à Escola Bíblica Dominical Protestante, se dessa ação faço parte de maneira tão próxima?

Do meu envolvimento produzi a hipótese central que, inicialmente, balizou a pesquisa, a importância da formação e atualização dos voluntários à professores da Escola Bíblica Dominical para crianças.

Pesquisar sobre a Escola Bíblica Dominical e a Formação de Professores significou a inquietação para entender as propostas da própria Escola Bíblica e a importância de formação e atualização das professoras que ali atuam.

Se cada um dos professores e demais pessoas envolvidas, no local, dele se apropria de maneira diferenciada como colocá-los sob a mesma égide analítica unificadora?

Estabeleci um repertório de perguntas para me aproximar o mais possível das concepções e ideias sobre a Escola Bíblica Dominical e dentro de suas práticas o lugar da

Formação de professores e atualização profissional. Esta tarefa foi por vezes emocionante, por vezes frustrante, por vezes desanimadora.

Refazer perguntas, interrogar hipóteses... Mas, a inquietação continuava: porque escolhi este tema? Não me bastava ter hipóteses a serem comprovadas ou não, não me bastava ter as perguntas a serem feitas. Algo mais me inquietava. Por que se é uma Escola Bíblica, mesmo sendo esta em um espaço não-formal de educação, as pessoas que ali atuam não possuem algum tipo de formação para professores?

A prática cotidiana acontecendo nas Escolas Bíblicas Dominicais Protestante e o projeto amplo, do qual faz parte, não impediam o aflorar das contradições.

Tal constatação não me fez abandonar o tema, porém obrigou-me a estar em estado de alerta: onde ficaria o distanciamento necessário para tecer o referencial teórico-metodológico, abordar as fontes, rever hipóteses, voltar às fontes, fazer a escrita monográfica.

Frente à inevitável implicação vivida no ato da pesquisa constatei a “sensação” de, ao optar pela abordagem teórico-metodológica na qual o pesquisador declara sua implicação, caminhar no “fio da navalha”, pois considero impossível o pesquisador encontrar-se completamente distante do seu tema e das buscas de fontes para melhor compreendê-lo e, assim, construir sua narrativa.

Logo, a sua implicação com o tema e as fontes também são material de análise permanente: nem o fascínio que nos cega, nem a neutralidade inexistente.

Por que pensar formação para voluntários a professores de Escola Bíblica Dominical da Igreja Protestante? Este tema é pouco explorado, e, mesmo no espaço da Igreja Protestante, quando algo é dito aponta, de maneira vaga, para a necessidade de que esses professores devem estar preparados. Algumas bibliografias, também no âmbito da Igreja Protestante, e manuais para professores de EBD podem ser encontradas, mas exigência na formação dos professores por parte das Igrejas é escassa, e quando há, pouco é divulgado.

Sendo essa exigência uma realidade distante, infelizmente, o processo ensino-aprendizagem dos alunos tem ocorrido de maneira que todos sejam atendidos e avancem na construção do conhecimento? Penso que não basta então que o professor tenha apenas o conhecimento do ensino cristão ou goste de atuar em sala de aula, muito mais é necessário.

Como promover a aprendizagem a alguém sem saber como o fazer, como e porquê o aluno precisa se apropriar do conhecimento socialmente construído, incluindo, no caso desse trabalho, o conhecimento e prática religiosa?

Ao tratar a formação de professores como algo importante, para a Escola Bíblica Dominical, pode-se observar o desafio ao qual isso remete. Na intenção de, no cotidiano da

ação, enfrentar e buscar saídas a esse desafio encontrando meios que nos possibilitem lidar com os enfrentamentos que surgiram e surgirão no decorrer desse caminho. Com essas considerações permanentemente colocadas destaco reflexões acerca do ato de lecionar na EBD e a importância na formação desses voluntários e professores.

No decorrer do trabalho empírico para a monografia, organizamos um questionário de 10 perguntas a serem respondidas pelas professoras voluntárias da EBD, situada na Igreja de Nova Vida no Portão do Rosa, em São Gonçalo. Construí o instrumento abaixo:

### **ENTREVISTA DAS “PROFESSORAS” DA EBD INFANTIL**

- 1- Como você compreende a Educação Bíblica Dominical?**
- 2- Qual a importância da EBD?**
- 3- Como acontece a EBD infantil?**
- 4- Como você se percebe ao trabalhar na EBD infantil?**
- 5- O que gostaria de acrescentar na sua prática como professora da EBD?**
- 6- Você acha os cursos de formação de professores necessários para os que trabalham na EBD?**
- 7- Que dificuldades enfrenta ao trabalhar como professor da EBD?**
- 8- Você gosta e se sente bem atuando como professora da EBD?**
- 9- O que você mudaria para que o processo ensino aprendizagem na EBD melhorasse?**
- 10- Você acha que seus alunos gostam e aprendem em suas aulas?**

Devido a minha implicação com a temática e com o próprio lugar do levantamento, ao entregar as perguntas, solicitei que as mesmas fossem respondidas de forma anônima e colocadas em um envelope, evitando assim que me fossem entregues e identificadas.

Ocorrem situações, como em qualquer lugar de aprendizagem, durante a EBD que criam impasses, fazendo com que o “professor”, algumas vezes, reaja de maneira não muito favorável para resolução dos mesmos, por desconhecer e ficar indeciso na maneira de agir frente à situação. É neste cenário que passamos a observar e considerar a possibilidade concreta da existência do “despreparo” por parte desses voluntários, sendo este, de maneira evidente, na área da didática e psicologias da educação e social. Sendo assim, destaco dentre as respostas relacionadas à 7ª pergunta, segundo os “professores:

*“A maior dificuldade, na minha opinião, é deixar eles ligados nas aulas.”* (Fala 2)

*“Algumas crianças não sabem o sentido da aula, perdem o foco e com isso outras crianças acabam se perdendo também.”* (Fala 10)



*“Vejo que a maior dificuldade é a falta de colaboração dos pais achando que a criança estando na salinha é de total responsabilidade da igreja, mas a professora não tem autoridade nem autonomia fora da salinha. Quando essa Criança é chamada a atenção, os pais podem até sair da igreja, alegando que ali não é uma “escola” convencional. Sei que isso acontece também fora da igreja, nas escolas, mas dentro da igreja essa falta de integração família/professor, se agrava.”* (Fala 7- grifo da professora)

*“Tem crianças mais espertas no meio das mais lentas. Isso atrapalha um pouco o desenvolvimento dos lentos...”* (Fala 3)

*“Talvez seja necessário um pouco mais de didática pra ensinar, de maneira que eu possa passar o ensino numa linguagem de fácil entendimento.”* (Fala 7)

*“A bagunça dos alunos, muito difícil isso.”* (Fala 5)

*“...as dificuldades que as crianças passam em casa e que acabam refletindo no seu convívio com outras pessoas...”* (Fala 6)

Quanto às concepções do que viria a ser a Escola Bíblica Dominical em si, na compreensão desses “professores”, ressalto as seguintes falas quanto à 1ª questão:

*“É o início de uma vida espiritual. Eles aprendem o certo e o errado, o que agrada e o que desagrada a Deus.”* (Fala 2)

*“A educação bíblica são estudos realizados em classe através de materiais didáticos, tais como revistas e slides, necessários para acrescentar conhecimento à criança e ao adulto cristão.”* (Fala 7)

*“Compreendo como alimento fundamental das pessoas que servem a Deus.”* (Fala 10)

*“Forma de crescimento espiritual e aprofundamento no conhecimento da palavra de Deus.”* (Fala 9)

*“Meio de aprendizagem muito importante, esclarecedor e que nos leva a uma intimidade maior com Deus.”* (Fala 8)

*“...forma de educação cristã, ótima para o aprendizado de crianças de uma maneira geral.”* (Fala 6)

*“...é o tempo separado somente para estudarmos a palavra de Deus juntos.”* (Fala 5)

*“É uma forma de educar as crianças desde pequena nos ensinamentos bíblicos. Para que se torne um adulto nos caminhos do Senhor e com a mentalidade saudável.”* (Fala 3)

*“...sem ela as crianças não aprenderiam de Jesus. Assim como precisam aprender o ABC, precisam aprender sobre Jesus.”* (Fala 4)

*“...além de orientar as crianças no lado espiritual, temos a oportunidade de aconselha-las em suas atitudes cotidianas formando assim cidadãos melhores.”* (Fala 1)

Ao analisar de forma distante quanto a minha opção religiosa, mesmo que a Escola Bíblica Dominical não possua uma definição exata, mas com um contexto específico, conforme discussão no capítulo dois deste trabalho, observei que a maioria das respostas tendiam apenas para a questão espiritual (relação íntima entre homem e Deus). A EBD não é apenas para se aprender as histórias da Bíblia e com isso desenvolver uma relação mais íntima com Deus, mas também, conforme proposta em seu início lá na Inglaterra é ensinar os preceitos bíblicos e valores cristãos para que fossem aplicados na vida cotidiana do aluno, a fim de também praticarem a cidadania. Poucas “professoras” se aproximaram do que é a EBD.

Quando foi questionado sobre a importância da EBD, fiquei deveras surpresa diante da maioria das respostas, pois mais uma vez, enfatizavam sobre a relevância que a mesma possui quanto à formação espiritual (relação entre Deus e homem), bem como para a prática religiosa protestante. Poucas eram as respostas voltadas como um lugar cuja formação de caráter de acordo com os ensinamentos da Bíblia, que foi a proposta inicial da EBD. Este pensamento muitas das vezes ocorre pelo fato de a EBD acontecer dentro dos muros da igreja, e sendo assim, muitos, sendo estes professores ou não, acham que tudo que está dentro da Igreja é algo espiritual.

*“Totalmente precisa para todos aqueles que desejam conhecer mais a palavra de Deus.”* (Fala 8)

*“Suma importância no aprendizado, pois forma cristãos, pena que nem todos dão valor.”* (Fala 6)

*“Ajudar a serem pessoas melhores e compreender quem é Deus.”* (Fala 9)

*“Alimento que sustenta o crente, sem o qual somos fracos.”* (Fala 10)

*“A EBD é importante para formar o caráter do cristão. Através dos estudos realizados em classe é possível esclarecer dúvidas, que muitas das vezes temos ao lermos a bíblia em casa. Na EBD aprendemos princípios éticos e valores que formam um cidadão a valorizar a família, contribuindo para uma sociedade melhor.”* (Fala 7)

No conjunto das respostas acima, a última me chamou atenção de maneira especial, pois, através dela, observei que, mesmo que não tenha participado de uma formação de professores para a EBD, esta pessoa, ao relatar quanto a importância desse espaço não-formal de educação, apresenta a compreensão mais próxima da proposta efetiva da mesma.

Quanto a própria prática, dentro de sala de aula, as “professoras” na EBD, em sua maioria reproduzem o ato de lecionar a partir de suas memórias da própria EBD ou de como eram seus professores na escola regular. Como a EBD segue, no seu currículo, uma Editora

que possui material (Revista Didática) com o plano de aula pronto, muitas delas se prendem a estas revistas e seguem as orientações sistemáticas das mesmas. Também percebemos que devido a isso, o que ocorre é, majoritariamente, um “fazer pedagógico” técnico, metódico, sem uma ação reflexiva, fazendo com que seja um ensino cristão sistêmico e inflexível em sua prática.

*“Comigo é assim: Inicialmente eu oro, peço uma criança fazer uma oração, entro na lição, tento dar exemplo na lição nos dias de hoje, faço perguntas sobre o que foi falado, busco brincadeiras com o tema da lição e termino com uma oração (minha ou de um aluno).”*

(Fala 10)

*“Por meio de revistas ou dinâmicas que tem a função de apreender conhecimento sobre a Bíblia para as crianças.”* (Fala 8)

*“A EBD infantil acontece por meio de revistas como apoio, mas temos como base a Bíblia.”* (Fala 6)

*“Nós oramos, às vezes cantamos e ensinamos a lição. Também tem lanche e às vezes gincanas envolvendo o tema da lição.”* (Fala 4)

*“De maneira apropriada para cada faixa etária.”* (Fala 5)

*“... a EBD entra com base e os fundamentos da Bíblia e como pessoa melhor que devemos ser.”* (Fala 3)

*“Na EBD infantil, as crianças são levadas a conhecer mais sobre a pessoa de Jesus e a prática do amor ao próximo de maneira lúdica com histórias e brincadeiras.”* (Fala 7)

*“Tem que ser dividida por faixa etária para que todos possam entender. O vocabulário, as atividades têm que alcançar todas as idades.”* (Fala 1)

Nas últimas quatro falas, podemos perceber que algumas das pessoas envolvidas mostraram que a sua prática não possui uma sistematização fechada, única e não-reflexiva. Além de terem demonstrado que a EBD não é exclusivamente para uma formação espiritual, mas sim também como utilizar os ensinamentos bíblicos para a formação de caráter e contribuição social.

Cada classe constitui também um grupo social. Dentro desse grupo, que ocupa o espaço de uma sala de aula, a interação social se processa por meio da relação professor-aluno e da relação aluno-aluno. É no contexto da sala de aula, no convívio diário com o professor e com os colegas, que o aluno vai paulatinamente exercitando hábitos, desenvolvendo atitudes, assimilando valores. (HAYDT,2006:p.55)

Como se percebem ao trabalhar na Escola Bíblica Dominical infantil? Elas gostam de atuar como professoras neste espaço não-formal? Eu, implicada com o tema, não poderia deixar de contribuir nesta pesquisa, e para que, a partir de mim, também possa entender como elas se vêem nesse cotidiano.

Trabalhar na EBD é um ato, para mim, não somente de amor pelos conhecimentos, mas , também, a reflexão sobre Deus por intermédio da Bíblia. Contribuir na formação de caráter e valores cristãos e de cidadania dessas crianças, que fazem parte e se constituem como sujeitos ativos de uma sociedade em constante transformação, além de serem levadas a refletir, por em prática esses conhecimentos.

Suas respostas:

*“Me vejo como contribuinte, tanto como proclamadora do evangelho, como contribuinte social. Sim, me sinto muito bem em ser professora da EBD.”* (Fala 1)

*“Eu acho que tenho uma grande responsabilidade, de ensinar a palavra de Deus e porque sou um exemplo para eles. Gosto demais de ser professora, eles são contagiantes, muitas vezes deixei coisas para ficar com eles e quando estive triste, eles eram minha alegria.”* (Fala 2)

*“Me sinto maravilhada até porque aprendo com elas.”* (Fala 4)

*“Sinto que falta muito para me tornar uma professora da EBD, se me dedicar e ler mais. Me sinto bem em participar da educação das crianças e ver que mesmo eles tendo pais tios e avós, é necessária a participação das professoras na vida destes pequeninos.”* (Fala 3)

*“Sinto-me animada, querendo ensinar o caminho correto do Senhor para as crianças.”* (Fala 5)

*“Me sinto fazendo o que gosto, além de ser usada como instrumento de Deus na vida das crianças, ainda tenho a oportunidade de aprender com elas, tendo também a consciência de meus deveres e responsabilidades. Gosto muito, em ser útil para as crianças, contribuindo para a sua formação cristão. Sendo algumas vezes uma das poucas referências de seu convívio.”* (Fala 6)

*“Me sinto útil, o ensino de uma maneira geral é sempre uma troca de experiências onde ensinamos e também aprendemos. Sim, gosto de ser professora da EBD.”* (Fala 7)

*“Gosto e estou satisfeita. Poder transpassar o conhecimento para as crianças é muito gratificante.”* (Fala 8)

*“Com certeza gosto de ser professora. Entendo melhor e conhecendo as crianças ao trabalhar na EBD.”* (Fala 9)

*“Percebo que faz muito bem para mim, pois sempre aprendo algo a mais. Amo porque*

*sempre sonhei em ser professora, não tive a oportunidade de fazer uma faculdade. Antes me sentia frustrada por não realizar meu sonho. Mas Deus é muito bom, me colocou como professoras das crianças ‘que eu amo muito’, hoje digo que sou feliz e muito mais que realizada, pois ensino a palavra de Deus e com isso aprendo cada dia mais e mais.”*

(Fala 10)

Um professor deve e precisa buscar inovações para o seu cotidiano em sala de aula pelo fato de ele ser um incentivador e mediador da aprendizagem:

O educador, na sua relação com o educando, estimula e ativa o interesse do aluno e orienta o seu esforço individual para aprender. Assim sendo, o professor tem, basicamente, duas funções na sua relação com o aluno:

- uma função incentivadora e energizante, pois ele deve aproveitar a curiosidade natural do educando para despertar o seu interesse e mobilizar seus esquemas cognitivos (esquemas operativos de pensamento);
- uma função orientadora, pois deve orientar o esforço do aluno para aprender, ajudando-o a construir seu próprio conhecimento.

Cabe ao professor, durante sua intervenção em sala de aula e por meio de sua interação com a classe, ajudar o aluno a transformar sua curiosidade em esforço cognitivo e a passar de um conhecimento confuso, sincrético, fragmentado, a um saber organizado e preciso. (HAYDT,2006:p.57)

Após analisar como se percebiam e se gostavam de atuarem como “professores” da EBD Infantil, também foram de tamanha importância buscar saber o que desejavam acrescentar em sua prática na EBD, bem como o quê mudariam para que o processo ensino-aprendizagem na EBD melhorasse. Destaco as seguintes repostas para essas questões 5 e 9 respectivamente das entrevistas:

*“Estou satisfeita como trabalho. Procuro me atualizar, dinamizar e descontraír para que a aula seja agradável e enriquecedora.” “Deveria haver mais cursos para auxiliar as professoras a desenvolverem um trabalho mais dinâmico e menos técnico. Até mesmo para os adultos. O uso da multimídia poderia ser mais explorado em todos os segmentos: crianças, juniores, adolescentes e adultos.”* (Fala 1)

*“Aulas práticas, exemplo: teatro, eles dando vida às histórias da bíblia.” “Eu não correria nas lições e tentaria ligar uma história na outra, pra evitar confusões de história.”* (Fala 2)

*“Ter mais brincadeira educativa, multimídias e brinquedos para todas as idades do infantil ao adulto.” “Acho que cada igreja deveria ter sua própria metodologia de ensino. Cada igreja tem um corpo diferente e as suas doenças nem sempre são as mesmas. Os gastos*

*seriam menores e poderia investir nas professoras.” (Fala 3)*

*“Eu queria aprender mais, para dar uma aula com excelência, e que cada vez melhore mais para que as crianças aprendam mais e mais.” “Acho que capacitaria mais as professoras, e que elas também precisam ter a consciência de que tem que se dedicar, estudar e se esforçar.” (Fala 4)*

*“Mais dinâmica.” “Buscaria apresentar mais dinâmicas nas aulas e mais interação entre aluno/aluno e professor/aluno (no contexto da aula). (Fala 5)*

*“Gostaria de acrescentar algo mais dinâmico como extrair ao máximo o que eles sabem para incentivar a também quererem saber mais.” “Não mudaria, mas tentaria incentivar mais as professoras, para que algumas gostassem mais do que faz.” (Fala 6)*

*“Gostaria de ensinar de maneira mais lúdica para que as crianças aprendam mais facilmente.” “Procuraria uma maneira de me capacitar através de cursos.” (Fala 7).*

*“Mais dinâmicas e teatro para as crianças.” “Não ficar somente nas revistas, ou em desenhos, mas praticar mais com elas aquilo que elas aprendem. Por exemplo: implementar trechos de músicas que condizem com a aula dada.” (Fala 8)*

*“Conhecer formas novas que facilite o aprendizado dos alunos.” “Mais atividades dinâmicas.” (Fala 9)*

*“Gostaria de acrescentar lições de casa, assim os pais das crianças que não são da igreja vão ver e conhecer um pouco sobre a palavra de Deus, e quem sabe, com isso, viriam a igreja para conhecer ainda mais...” “ Acrescentaria dever de casa, faria periodicamente cursos para professores.” (Fala 10)*

Ao fazer a análise das respostas percebo que a maioria deseja acrescentar uma aula mais dinâmica, lúdica, com realização de teatros. Ou seja, são características que chamam a atenção de um aprendizado para uma criança. Existem diferentes formas de aprender, alunos ouvintes, visuais, áudio-visuais e cinestésicos. Cada um aprende de um jeito, por isso o professor deve conhecer sua turma e sua realidade, a fim adequá-los para atenderem e todos, contextualizá-lo para que o aluno tenha interesse lhe é apresentado por quem ensina.

O processo pedagógico e o trabalho didático devem basear-se nos estudos realizados pelas ciências do comportamento, aplicando na prática as contribuições da Biologia, da Sociologia e, principalmente, da Psicologia. A educação, em geral, e o ensino, em particular, devem respeitar as diferenças individuais e os estágios cognitivos do desenvolvimento infantil, em seus aspectos físico, cognitivo, afetivo e social. (HAYDT,2006:p.37)

Também destaco o uso dos verbos no futuro do pretérito, como gostaria, desejaria, faria. Possuem uma intenção, mas no entanto, me parece que não a praticou, ou se a fez, não teve uma continuidade. Quer dizer, tem a vontade de mudar, mas não o faz. Por que esse temor? Teria então uma relação devida a ausência da formação de professores, sabem o que fazer mas não como executar? Ou por que é difícil sair da “zona de conforto” para a inovação?

Durante esse processo de análises, podemos observar na fala 3 a colocação ambígua e contraditória que a entrevistada apresenta para configuração da Igreja, por ela entendida, como um “corpo orgânico” e as dificuldades da EBD - como qualquer escola tem - como doenças.

Cada igreja está inserida em diferentes locais com diferentes tipos de pessoas, ou seja, realidades diversas, e, realmente, com muitas particularidades. Fica, também, ambíguo ao considerar que investir em mídias e jogos tornaria a educação na EBD “mais barata”. Precisamos de bom aporte metodológico e boa formação didática, como ensinar e porquê, para usar ferramentas tecnológicas e jogos didáticos. Enfim, educação não é barata e nem deve ser.

Segundo as respostas apontadas pela fala 6, buscando analisar as lacunas sobre quem precisa ser incentivado, podemos considerar que na primeira frase a entrevistada está remetendo aos alunos e na segunda está remetendo aos professores. Então fica uma interrogação: todos precisam ser estimulados, dentro de sua ótica de ver a EBD?

Segundo Haydt (2006), os professores têm a função de incentivar seus alunos dentro de suas curiosidades. No incentivar as professoras, neste caso da EBD, não enxergo como um não gostar de ser professora, mas como uma “paralisação” em inovar sua própria prática.

Ao observar a “Fala 1”, foi possível identificar uma professora que busca se atualizar e é consciente de sua prática. E quando fala que a presença de cursos para desenvolver um trabalho dinâmico e menos técnico, é que a mesma também observa a necessidade e a importância para a formação de professores para a EBD.

O professor como mediador do conhecimento possui um grande desejo, que seus alunos aprendam que seja admirado por eles e que gostem de suas aulas. Mas o que faz isso acontecer? A interação professor-aluno contribui para que o processo ensino-aprendizagem ocorra com um rio que flui. Há um valor pedagógico nessa relação, pois por meio dela que o conhecimento é também construído. Sendo assim, quando lhes foi perguntado se as crianças gostam e aprendem em suas aulas, obtive as seguintes respostas:

“Sim.” (Falas 5, 7,8 e 9)

“Creio que sim. O que me faz acreditar nisso é o comportamento delas fora da sala de aula. A inovação é uma arma que a professora tem que usar para uma prática mais interessante. Estou sempre pronta para ouvir, dividir e aprender.” (Fala 1)

“Eu acho que sim, nem todos, porque os levados nunca gostam de levar broncas, mas quando tem ‘brincadeiras’ e histórias mais dinâmicas, eles gostam” (Fala 2)

“Sim em 100% das aulas tento fixar 10%, mas quando faço aulas na brincadeira, eles se divertem e aprendem. Só leitura é chato para as crianças, eles só querem brincar.”(Fala 3)

“Sim. Acho que toda professora conhece seus alunos e sabem o melhor jeito de ensinar para que eles aprendam melhor.” (Fala 4)

“Acho que sim, acho que nunca reclamaram.” (Fala 6)

“Acho que sim, eles aprendem e eu também.” (Fala 10)

As “professoras” da EBD possuem uma influencia muito grande sobre as crianças pelo fato de atuarem com o ensino cristão. Segundo Haydt (2006), o professor não pode se esquecer de que antes de ele ser professor, é um educador pelo fato de ser norteado pelos seus valores e princípios de vida, sendo esses implícitos ou não, logo, o docente os vincula em sala de aula.

Porém, algumas pessoas pensam que pelo fato de as crianças não reclamarem das aulas, significa que elas gostam. Nem sempre esta reclamação é feita por palavras, mas nos comportamentos dos alunos, e isso deve ser observado bem de perto.

Haydt (2006) também destaca que ao se relacionar com seus alunos como um todo, ele não transmitirá apenas o conhecimento, mas facilitará o caminho de ideias, valores e princípios de vida.

Quando existe a afetividade na relação professor-aluno, o processo ensino aprendizagem será prazeroso para ambos, mesmo que os alunos mais agitados recebam uma repreensão. Também foi observado o destaque de duas falas quanto à aprendizagem, pois colocaram esta relação como uma troca, Haydt (2006) enfatiza que a aprendizagem não é apenas por parte do aluno, pois tanto o professor quanto o aluno ensinam e aprendem.

Como eixo norteador desta pesquisa, a importância na formação e atualização dos voluntários a professores da EBD infantil na Igreja Protestante, não poderia deixar de perguntar se as professoras voluntárias da Igreja de Nova Vida no Portão do Rosa acham que os cursos de formação de professores são necessários para trabalharem na EBD (6ª pergunta).



*“Com certeza. A técnica, a prática, a teoria, servem para ajudar a compreender a mente da criança.” (Fala 1)*

*“Sim, eu creio que se estivermos preparadas, eles entenderão melhor o que passamos para eles.” (Fala 2)*

*“Sim. sempre dar o melhor para o Senhor. Professores bem formados, alunos bem educados.” (Fala 3)*

*“Seria bom. Mas nem todos querem isso como profissão. Eu acho interessante, por exemplo, ter um curso para professoras de EBD. Para que possamos saber a melhor maneira de ensinar.” (Fala 4)*

*“Não é necessário, mas seria de grande valia para o rendimento das aulas e compreensão comportamental dos alunos.” (Fala 5)*

*“Sim, acho muito importante essa preparação.” (Fala 6)*

*“Sim.” (Fala 7 e 9)*

*“Sim, pois eles aperfeiçoam um dom precioso que lhes foi dado com amor.” (Fala 8)*

*“Acho sim, é importante conhecermos sempre mais.” (Fala 10)*

Como ser professor da Escola Bíblica Dominical na Igreja Protestante, sem ter passado, ao menos, por um curso de formação e atualização de professores para EBD? Com as respostas acima, observamos que esta atuação acontece sim, porém, geralmente, de uma maneira somente intuitiva, de forma técnica e metódica por reproduzirem as suas memórias ou os ensinamentos das Revistas Pedagógicas vindas da Igreja Protestante, sem saberem as teorias que norteiam as práticas. Para atuar como professor, em qualquer espaço não-formal de educação, seja este a Igreja ou não, é necessário sim que a pessoa participe de uma formação para docentes.

Uma das falas ressaltou que não seria necessário, mas se tivesse seria bom. Ao parar para pensar sobre esta questão, pude perceber que a professora acha que o trabalho da EBD funciona bem, mesmo sem a formação e atualização de professores, mas caso fosse possível esta formação, seria bom para que as aulas fossem mais aproveitadas e conhecessem melhor os comportamentos das crianças.

O que levaria pessoas acharem que a formação e atualização de professores da EBD não é necessária...mas apenas seria bom, caso tivesse? Será que concluem isso por pensar que professores com formação Universitária são apenas para os espaços formais de educação?

De acordo com a minha vivência e trajetória na Igreja Protestante, desde sempre, busquei respostas em minha memória, e a partir delas, analisar a prática e a seleção dos

professores da EBD infantil.

Os participantes em diversas Igrejas protestantes pensam que a EBD infantil serve como um lugar para as crianças ficarem a fim de não atrapalharem o espaço do culto da Igreja, colocando pessoas nas salinhas para contarem as histórias bíblicas, brincarem e distraí-las, Como um passatempo!

Também observo que, em algumas igrejas, as pessoas que trabalham com as crianças são selecionadas porque já são mães e por isso participam, obrigatoriamente, da EBD como professora. Ou então, porque são pessoas que gostam de crianças e querem trabalhar como “ensinadoras” da Bíblia. Tudo isso sem “formação” para esta prática.

Ainda, em meio a este cotidiano, também conheci algumas Igrejas que se preocupavam com os voluntários a professores das crianças, investiam em cursos para capacitação de professores da EBD, mas estes cursos eram algo mais metódico, quase um manual, para “saber” como trabalhar em sala de aula.

Por fim, ao chegar na Igreja Nova Vida do Portão do Rosa, onde ainda não havia uma estrutura para a EBD, mas havia sim, muitos alunos, e com diversos modos de agirem, foi preciso urgentemente que alguém tivesse a iniciativa de assumir o ensino cristão, pois muitas professoras já haviam desistido, devido a extrema agitação daquelas crianças.

O tempo foi passando e pessoas voluntárias a serem professores foram aumentando. E com isso, devido à prática de sala de aula, situações inusitadas, diferentes formas de aprendizagem e comportamentos por parte das crianças, percebi que era necessário que os voluntários possuíssem uma formação e atualização para professores.

Ao analisar todas as respostas, minhas memórias como aluna e “professora” neste espaço não-formal de educação, bem como os conhecimentos no decorrer do curso de Pedagogia, afirmo: formação e atualização dos professores da Escola Bíblica Dominical para crianças é importante e necessária. Ser professor do ensino cristão, além de ser muito gratificante por poder atuar como contribuinte da evangelização, é de grande responsabilidade, devida a nossa participação na formação de caráter, valores e princípios éticos para o exercício da cidadania.

#### IV - CONCLUINDO O QUE AINDA NÃO SE CONCLUI

O percurso feito até o momento nos indica, cada vez mais, da necessidade de buscarmos a construção de um debate ético quanto à importância da formação e atualização dos voluntários e professores da Escola Bíblica Dominical para crianças da Igreja Protestante; de articular as contribuições pedagógicas para o ensino cristão na Igreja Protestante; pensarmos a EBD como um espaço não-formal de educação, não apenas como um lugar de “crescimento espiritual”, mas também um espaço de chances e possibilidades para “... além de orientar as crianças no lado espiritual, temos a oportunidade de aconselhá-las em suas atitudes cotidianas formando assim cidadãos melhores”; de pensarmos também a Universidade, não como um lugar de endeuamento do saber, mas um espaço aberto que articule teorias e realidades a fim de contribuir, direta ou indiretamente, para a formação e atualização dos professores de espaços não-formais.

Enfim, o espaço educativo da Igreja Protestante é constituído, tendo em vista as particularidades de cada sujeito que ali atua como professor, nos emaranhados jogos de subjetividade, mas que precisa de um eixo norteador, uma formação, quanto ao ato de lecionar.

No primeiro capítulo podemos conhecer, de maneira panorâmica, as contribuições da educação a partir das concepções luteranas na Reforma Protestante. Pensar a educação separada da Igreja, obrigação da mesma pelo Estado e a tradução da Bíblia para a língua materna, fez com que a Igreja Protestante crescesse, não só em poder, mas em pessoas alfabetizadas.

No segundo capítulo foi observado o quadro da evolução quanto à formação de professores e a necessidade desta para a educação brasileira. Em meio a este cenário, foi destacada a importância na formação desses profissionais para atuarem nos espaços formais e não-formais. Esta importância se dá devido às particularidades que os educandos possuem em aprender.

Ainda neste capítulo, tecemos de forma clara e sucinta a diferença entre espaço formal e não-formal de educação e para que a partir desta perspectiva, situar a EBD como um espaço não-formal de educação. Sendo assim, foi brevemente abordado o histórico da criação da EBD e como esta chegou ao Brasil, bem como a elaboração de uma discussão sobre o conceito de Escola Bíblica Dominical, visto que a mesma não possui um conceito fechado, mas um contexto geral. Para esta explicitação, buscamos o que seria a EBD e a função que a

mesma possui dentro da Igreja Protestante, abordando assim diferentes concepções, e a partir dessas, chegarmos a um ponto comum e trabalhar a partir dele.

Ao situarmos a EBD, também, foi enfatizada a necessidade quanto a importância na preparação dos professores da EBD.

No último capítulo, para que possamos entender a prática atual dos “professores” da EBD, foi feita uma entrevista com os voluntários e educadores da EBD de uma Igreja Protestante.

A partir das falas desses professores, refletimos sobre suas compreensões da Educação Bíblica Dominical e o seu ensino, a sua atuação como professores, a importância que a EBD possui na vida dos professores e alunos, como é essa prática nesta Igreja e se acham importante a formação de professores para atuarem como professores da EBD.

Analizamos e concluímos o quanto se faz necessária à formação e atualização dos professores da Escola Bíblica Dominical para crianças na Igreja Protestante.

Para nós, é equivocada a concepção de que “porque é uma educação não-formal que ocorre dentro da Igreja”, não é importante e necessária a formação de qualidade para esses professores.

Vimos que pensar formação e atualização dos voluntários e professores da EBD infantil no espaço da Igreja Protestante são necessárias. Uma formação voltada para escutar o outro e a si mesmo, se questionando acerca daquilo mesmo que se reclama: “O que eu tenho haver com isso mesmo que reclamo”, “O que posso fazer para mudar ou não, algo?”. Também, através dessa percepção, refletir quanto à necessidade da formação e atualização a fim de melhorar a sua prática em sala de aula.

Seria possível a realidade de formação e atualização de professores de educação cristã atuantes nas igrejas? Com o decorrer desse trabalho e atravessada pela forte implicação com o tema, concluo que sim. Toda Igreja Protestante que contenha em sua estrutura uma Escola Bíblica Dominical, precisa ter, nesse espaço, professores que tenham passado por uma formação e sejam constantemente atualizados.

Uma formação que torne o ensino dinâmico, reflexivo e consciente da importância de sua prática quanto a educador.

Finalizo este trabalho com o título, “Concluindo o que ainda não se conclui”, porque pensar formação e atualização de professores no cotidiano da Educação Bíblica Dominical não nos leva a um ponto final, pelo contrário, em todos os momentos novas questões surgem, novos embates demandam a atenção dos docentes bem como da coordenação da Educação Bíblica Dominical e da liderança da Igreja.

## V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, W. Lutero e libertação. São Paulo: Ática, 1994.

ARROYO, Miguel. Ofício de Mestre. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

BÍBLIA. Bíblia de Recursos para o Ministério com Crianças. João Ferreira de Almeida; notas e material adicional Neyd Siqueira. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Hagnos, 2003.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Disponível em: [www.anped.org.br/.../RBDE19\\_04\\_JORGE\\_LARROSA\\_BONDIA.pdf](http://www.anped.org.br/.../RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf). Acessado em 08/12/13.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

\_\_\_\_\_. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1971.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências.

CUNINGGIM, Jesse L. e NORTH, Eric M., Como organizar e Dirigir uma Escola Dominical, 3a ed., São Paulo, Imprensa Metodista, 1928, p. 11.

FERREIRA, Manuela. Salvar corpos, forjar a razão: contribuindo para uma análise crítica da criança e da infância como construção social em Portugal (1880-1940). Portugal: Instituto de Inovação Educacional, 2000.

FLORES, L.F.B.N. O altar e a coroa iluminada: a educação de colonos e colonizados. In: MAGALDI, A. M.; ALVES, C.; GONDRA, J. G. Educação no Brasil: história, cultura e política. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

FREITAS, Jorge Wagner de Campos. Adolescência, Escola Dominical e Educação: perspectivas de um novo processo. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, 2006.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. Curso de Didática Geral. 8.ed. São Paulo: Ática, 2006

HILSDORF, M. L. S. Pensando a educação nos tempos modernos. São Paulo: EDUSP, 1998.  
\_\_\_\_\_. O aparecimento da escola moderna: uma história ilustrada. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LEFRANÇOIS, Guy R. Teorias da Aprendizagem. 5.ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

\_\_\_\_\_, J. C. Pedagogia e pedagogos, para quê? São Paulo: Cortez, 2010.

LIMA, Paulo Gomes. A formação do educador reflexivo. Disponível em: <http://www.do.ufgd.edu.br/paulolima/arquivo/reflexivo.pdf>. Acessado em 29 de novembro de 2013

LUTERO, M. Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs [1524]. In: \_\_\_\_\_. Martinho Lutero: obras selecionadas. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, 1995, v. 5, p. 299-325.

\_\_\_\_\_. Uma prédica para que se mandem os filhos à escola [1530]. In: \_\_\_\_\_. Martinho Lutero: obras selecionadas. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, 1995, v. 5, p. 326-363.

\_\_\_\_\_. Educação e Reforma. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. Coleção Lutero para hoje.

NÓVOA, António. Formação de Professores e Profissão Docente. Disponível em: [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD\\_A\\_Novoa.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf). Acessado em: 30 de novembro de 2013.

OLIVEIRA, I. B. “Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação”. In: OLIVEIRA, I. B; ALVES, N. (org.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes. 2. Ed. Rio de Janeiro:DP&A, 2002.*

SAVIANI, Demerval. História das Ideias Pedagógicas no Brasil. 3.ed. reimpressa. Campinas: Autores Associados, 2011.

SEFFENER, Fernando. Da Reforma à Contra Reforma. Atual, São Paulo: 1993.

VIEIRA, Sofia Lerche. Educação Básica: política e gestão da escola. Brasília: Líber Livro, 2009.

VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. História da formação de professores no Brasil: o primado das influências externas. Disponível em: [wwwhttp://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/93\\_159.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/93_159.pdf). Acessado em 29 de novembro de 2012.

VOLKMANN, M. Lutero e a Educação. In: DREHER, M. (Org.). Reflexões em torno de Lutero. São Leopoldo: Sinodal, 1984. v. 2.

#### SITES CONSULTADOS

<http://www.mackenzie.br/6980.html> 09/12/2013

<http://www.cpad.com.br/escoladominical/historia.php> 09/12/2013

<http://www.ceencorreas.com/artigos/a-origem-e-a-historia-da-ebd-no-brasil/> 09/12/2013

<http://www.ebdonline.com.br/> 09/12/2013

[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300653140\\_ARQUIVO\\_Anpuh2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300653140_ARQUIVO_Anpuh2011.pdf) 17/12/2013